

UM A PARA A SRA. B

KARINA SNOW

Estava sentada ao lado de Missy na aula de história geral do primeiro ano quando a Sra. Bardett anunciou um novo projeto. Em grupos, deveríamos escrever um jornalzinho sobre um dos temas que estávamos estudando.

Num pedaço de papel, anotamos os nomes dos três amigos com quem gostaríamos de trabalhar. Depois de recolher os pedidos, a Sra. B disse que levaria em consideração os nomes selecionados por nós e que nos daria o resultado no dia seguinte. Eu não tinha a menor dúvida de que ficaria no grupo de minha escolha. Havia apenas um punhado de pessoas socialmente aceitáveis naquela turma e Missy era uma delas.

Eu sabia que tínhamos nos escolhido, uma à outra.

No dia seguinte, fiquei aguardando a aula de história ansiosamente. O sinal tocou e Missy e eu paramos de conversar quando a Sra. B pediu a nossa atenção. Começou a ler os nomes. Ao chegar ao grupo três, o nome de Missy foi chamado.

"Então eu faço parte do grupo três", pensei. Os nomes do segundo, terceiro e quarto integrantes do grupo foram chamados. Meu nome não estava entre eles. Tinha de haver algum engano!

Foi então que eu ouvi: "Mauro, Juliette, Rachel e Karina." Eu estava no último grupo. Senti as lágrimas brotarem em meus olhos. Não dava para encarar aquelas pessoas: o garoto que mal sabia falar inglês, a garota que se escondia debaixo de saias que iam até os tornozelos e a outra que só usava roupas esquisitas.

Como eu queria estar com os meus amigos!

Lutava para conter as lágrimas quando fui falar com a Sra. B. Ao olhar para mim, ela já sabia o que me trazia ali. Estava decidida a convencê-la de que devia estar no grupo "bom".

- Por que... - comecei.

Ela colocou a mão no meu ombro, suavemente:

- Eu sei o que você quer, Karina, mas seu grupo precisa de você. Preciso que os ajude a tirar uma nota razoável nesse trabalho. Só você pode ajudá-los.

Fiquei atordoada, impressionada. Ela havia visto algo em mim que eu não via.

- Pode ajudá-los? - me pediu.

Endireitei a coluna.

- Posso - respondi. Eu não podia acreditar que tinha dito aquilo, mas saiu da minha boca. Eu tinha me comprometido.

Caminhando corajosamente para onde os outros integrantes de meu grupo se encontravam, ouvi as risadas de meus amigos. Sentei-me e começamos a trabalhar. Cada um ficou com uma coluna diferente para escrever, de acordo com o seu interesse pessoal. Fizemos pesquisa. Na metade da semana, senti que estava gostando da companhia daqueles três

"desajustados". Não havia motivo para fingimento: estava realmente interessada em aprender algo sobre eles.

Mauro, segundo descobri, sofria com a língua inglesa e com a falta de amigos. Juliette também se sentia só, pois as pessoas não compreendiam que sua religião só permitia que ela usasse saias e vestidos compridos. Rachel, que havia pedido para escrever a coluna sobre moda, queria ser estilista. Tinha um bocado de ideias completamente originais! Não eram desajustados, apenas pessoas de quem ninguém gostava o suficiente para tentar conhecer melhor e entender - com exceção da Sra. B. Sua perspicácia, visão e atenção tinham instigado o potencial de quatro de seus alunos.

Não me lembro da manchete do jornal nem sobre o que escrevemos, mas aprendi uma coisa naquela semana. Tive a oportunidade de ver outras pessoas sob uma luz diferente. Tive a oportunidade de enxergar em mim mesma um potencial que me inspirou nos anos que se seguiram. Aprendi que quem somos é mais importante do que o que somos ou parecemos ser.

Após o final daquele semestre, eu sempre recebia um "Oi" caloroso das pessoas de meu grupo. E sempre me sentia contente em vê-las.

A Sra. B nos deu um A no trabalho. Deveríamos ter lhe devolvido este A imediatamente, pois ela, sim, era digna daquela nota.